

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: _____

Data: 05/08/77

Pg.: _____

Os dias trágicos dos Yanomami, que querem ser civilizados.

Algumas descrições da fotógrafa Cláudia Andujar sobre seu último convívio entre os índios Yanomami, do Território de Roraima:

— Num dia de abril chegou à Missão um índio de uma maloca distante. Ele disse que entre os seus havia dois doentes graves. Pedia ajuda. Mas índio só sabe contar até dois; passando de dois ele fala em muitos. Eu e o missionário conversamos com o índio e acabamos sabendo que muitos tinham morrido.

— Foi então que empreendemos uma expedição de 120 quilômetros, passando por três malocas. Foram cinco dias de viagem, a pé. Na primeira maloca vimos índios se arrastando pelo chão, porque já não podiam andar. Eram índios da segunda maloca, que tinham se refugiado ali. Estavam todos doentes. Não podiam caçar; estavam esqueléticos, fracos, famintos. Eles tinham tido sarampo e agora sofriam complicações, como bronquite e pneumonia.

— Nós tratamos deles, enquanto pudemos. Mas seguimos viagem e apenas passamos pela segunda maloca. Ela estava vazia. No caminho para a terceira maloca achamos um esqueleto e depois soubemos que era de um índio doente. Esse índio estava sendo carregado no colo, por um parente, quando morreu. Ele foi deixado ali mesmo, contrariando os costumes dos Yanomami. Mas é que seu parente não podia fazer outra coisa, porque também estava muito doente.

— Na terceira maloca havia também muitos doentes. Alguns eram sobreviventes de uma quarta maloca, que não chegamos a visitar por saber que estava vazia. O missionário italiano voltou para a sede da Missão, para buscar mais remédios. Passamos dois meses naquela maloca.

— No total, do que nós soubemos, morreram 67 índios. Os da primeira maloca sobreviveram, porque já tinham tido sarampo antes. Da segunda maloca, morreu exatamente a metade da população, incluindo todas as crianças e a maior parte das mulheres. O mesmo aconteceu na terceira maloca; na quarta, foi quase isso.

Cláudia Andujar fotografa índios desde que chegou ao Brasil, há 20 anos. Ela nasceu na Suíça, foi criada na Hungria e morava nos Estados Unidos, quando veio para cá. Era uma jovem pintora de 20 anos e também estudara psicologia. Logo estava viajando pelo Brasil e por outros países do continente, preocupada com "um contato humano mais imediato" com os povos que visitava. Assim, trocou a pintura pela fotografia.

A primeira das cinco viagens que fez às margens do rio Catrimani, então para um convívio de dois meses com os Yanomami (fotos), foi em 1971, com bolsa da Fundação Guggenheim, dos Estados Unidos. Ela encontrou índios que quase nenhum contato tinham tido com civilizados. Eram saudáveis, embora sujeitos à malária e verminose. Seus costumes e sua cultura estavam intocados.

Mas em 1974, em sua quarta viagem, Cláudia encontrou mudanças. A rodovia Perimetral Norte, que se rasgava na floresta, alcançara os Yanomami. Passava a três quilômetros do ponto onde, há muitos anos, o padre italiano Calleri fundara uma missão. Este padre morreria mais tarde em outro ponto de Roraima, num ataque dos índios Waimiri-Atroaris, que tentava pacificar. Na Missão, ficaram dois outros missionários italianos — o leigo Carlo Zacchini e o padre João Saffrin.

A estrada promoveu o contato dos Yanomami com os civilizados. Por ela, os índios podiam caminhar 100 quilômetros, até a cidade de Caracará. Isto mudou sua vida, como Cláudia pôde constatar a partir de abril do ano passado, quando ali chegou. Ela ficou entre os índios durante 14 meses, até o último dia 20.

Ainda não recuperada de uma malária (a quarta que contrai) ela narra o que o contato com a civilização fez aos Yanomami. Trechos de seu relato:

— Os índios que vivem próximo à missão não usam mais seus utensílios de cerâmica. Hoje só usam panelas de alumínio.

— Há um grupo, os Opiktheri, que não querem mais ser chamados de Yanomami (estes índios se dividem em inúmeros grupos). Eles mudaram sua maloca para a beira da estrada e já não ficam mais nus. Vestem mesmo que seja apenas uma camisa. Acham necessário andar vestidos, para serem considerados civilizados.

— Agora querem mudar também seus hábitos de comer. Acham que farinha é um prato finíssimo. Eles caminham cem quilômetros até Caracará para pedir uma camisa velha, um pouco de farinha. Recebem o lixo da civilização e ficam felizes com isso.

— A prostituição começou com a chegada dos peões, para a abertura da estrada. Para ganhar um calção, um índio emprestava sua mulher.

— Esses índios começam a se sentir inferiores. Até há pouco acreditavam que toda doença era causada por espíritos e feitiços. E que a cura estava no xamanismo, ou seja, o xamã (uma espécie de feiticeiro) cura os doentes por meios sobrenaturais. Mas agora já não acreditam nesse poder.

O povo de Caracará não aceita os índios, pensa que são bichos. De certa maneira eles viraram mendigos, pedindo e recebendo coisas de graça.

— A estrada permite que se leve um índio doente ao hospital, mas ele pode voltar com uma doença contagiosa. Antes o doente morria e não trazia doenças. É difícil saber o que é melhor.

Em dezembro do ano passado havia uma epidemia de faringite entre os Wakathautheri, que têm maloca junto à Missão dos padres italianos. Por essa época, a fotógrafa Cláudia trouxe de Caracará um menino índio que estivera hospitalizado. O menino estava com sarampo encubado mas ninguém podia imaginar isso. Na Missão havia cem índios de malocas distantes.

Quando o sarampo do indiozinho se manifestou, Cláudia e os missionários tentaram impedir a partida dos cem índios. Mas eles não se sentiam doentes... portanto se acreditavam sãos. E partiram.

Entre janeiro e fevereiro deste ano, a Missão parecia um hospital. Índios com faringite ou sarampo chegavam de todas as partes, muitos carregados nas costas. Eles ficavam "por todo lado onde havia espaço" e os missionários e Cláudia cuidavam deles. Um médico da Funai, Vicente Paraense, esteve ali, trabalhou muito e partiu. Voltou algumas semanas depois, para visitar outras malocas. Mas mor-



reu, quando o avião em que chegava explodiu no momento do pouso na pista da Missão.

Só em abril chegou à Missão o índio que falava em dois doentes graves. Ele veio quando a maior parte das mortes, nas malocas que Cláudia então visitaria, já tinha ocorrido. Os Yanomami são seminômades visitam-se para rituais fúnebres e alianças políticas. As doenças contagiosas se alastram entre eles rapidamente. Mas os rituais fúnebres não permitem que os índios viajem; por isso, o pedido de socorro das malocas distantes chegou à Missão tardiamente.

Cláudia viajou com o leigo Carlo Zacchini. Lembra-se:

— Passávamos dia e noite cuidando dos índios. Carlo voltou a pé, para pegar mais remédios e avisar a Funai. A Funai prometeu que mandaria um médico assim que arrumasse um helicóptero. Mas o médico só chegou no mês seguinte.

Enquanto o missionário viajava, Cláudia assistiu à morte da indiazinha Paxoxim, de nove anos. Ela tratava da menina todos os dias, mas no último dia foi impedida de fazê-lo. Paxoxim perdera os pais, mortos por sarampo. Um parente, que era xamã, cuidava dela. Narração de Cláudia:

— O xamã e todos tinham o pressentimento de que a menina ia morrer. À noite teve início uma violentíssima seção de xamanismo, com cinco xamãs empenhados em afastar os maus espíritos da menina. Eles batiam seus machados no chão, ou cortavam o ar, durante horas. Eu nada podia fazer, fui deitar em minha rede.

— Então veio um silêncio e eu tentei dormir. As duas da madrugada escutei o primeiro choro, do xamã. Depois vi as silhuetas dos parentes que chegavam perto da menina e ouvi seu choro. Chamei um índio que era meu vizinho e perguntei: "O que está acontecendo?" Ele parecia ter estado dormindo, mas respondeu: Ela morreu."

— Com a primeira luz do dia houve barulho de novo. Alguém saiu da maloca e o choro recomeçou. Depois de uns quinze minutos aquele índio voltou, trazendo o yamaxi (espécie de cesto) que fabricará. Nele carregaram o corpo da menina.

Depois desta cena Cláudia se sentiu mal.

— Tive a sensação de que as nossas duas culturas são tão diferenciadas que nunca vão chegar a se entender. Fiquei frustrada, senti-me totalmente impotente diante dessa falta de encontro de culturas. Eu me sinto muito bem entre os índios, mas naquele momento...

Cláudia acha que integrar o índio culturalmente é provocar seu fim.

— Quando você mexe com alguma coisa do índio, mexe com toda a sua cultura. Eu acho que, com a integração, no futuro vão sobreviver alguns indivíduos que provavelmente vão virar caboclos, o que é outra tragédia.

— A coisa mais bonita no índio é que não existe solidão entre eles. Quando um grupo se desintegra culturalmente, então seus membros têm que viver sozinhos. É o caso do caboclo, que vive isolado e solitário, miseravelmente, fica imitando nossa cultura, sem ter educação ou possibilidade financeira de melhorar.

Cláudia vai voltar à Missão e quer ajudar numa escola dos padres. Pretende mostrar aos índios a importância de sua cultura. Dizer-lhes que os índios aculturados têm vergonha de dizer que são índios. Ela escreveu um livro, ajudada pelo missionário Carlo. Tem por título Mitologia Yanomani e deve ser lançado no fim do ano.